

O INDIVÍDUO-CRIADOR, A NARRATIVA E O SILÊNCIO: OS LUGARES DE AUTOFORMAÇÃO DE SURDOS LEITORES

THE INDIVIDUAL-CREATOR, THE NARRATIVE AND THE SILENCE: THE PLACES OF SELF-FORMING OF THE DEAF READERS

José Marcos Rosendo de Souza¹
Izaías Serafim de Lima Neto²
Maria da Conceição Costa³

RESUMO

As discussões em torno do processo formativo de Leitores Surdos têm sido recorrente, ao passo que há uma constante busca por metodologias ou princípios norteadores para formação leitora de Surdos. Intentamos com esse artigo contribuir, justamente, para esse rol de discussões ao apresentar o indivíduo-criador, a narrativa e o silêncio como núcleos formativos que, quando fomentados, desencadeiam o processo autoformativo do leitor. Para tanto, pensamos nisso a partir da leitura de teóricos que embasam esse trabalho. Esses núcleos devem ser trabalhos numa relação de entrecruzamento, para que de fato o Surdo alcance sua autorformação leitora.

Palavras-chave: Beh Autoformação. Leitura. Surdo.

ABSTRACT

The discussions surrounding the formative process of deaf readers have been recurring, while there is a constant search for guiding methodologies or principles for the Deaf reader formation. We want in this article to contribute precisely to this field of discussions when presenting the individual-creator, the narrative and the silence as forming nuclei that, when encouraged, unleash the process of self-forming of the reader. For that, we think of it from the reading of theorists of this area of study. These nuclei must be worked in a union relationship so that in fact the deaf reaches its reader self-formation.

Keywords: Self-formation. Read. Deaf.

1 INTRODUÇÃO

O processo formativo de leitores surdos tem demandado uma série de discussões, principalmente, ao se questionar metodologias que devem auxiliar a esse processo. Desse

¹Doutorando do Programa de Pós- Graduação em Letras – PPGL/UERN/CAMEAM, professor na UECE/FAFIDAM.

²Graduado em Letras, pela UEPB.

³Doutora em Educação pela USP, professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGE/UERN/CAMEAM.

modo, objetivamos com esse artigo contribuir com discussões acerca dessa temática e, para isso, trazemos apresentamos o indivíduo-criador, a narrativa e o silêncio como núcleos formativos que, quando fomentados, desencadeiam o processo autoformativo do leitor. Para que o nosso trabalho fosse consolidado foi feito uso de uma pesquisa bibliográfica, mas nos embasamos principalmente em Gavalni (2002), por esse pensar a formação como um processo autônomo. Além desse, utilizamo-nos de outros que trazer inferências sobre a narrativa e também sobre a área da LIBRAS, o que possibilitou a construção do tópico que versa sobre a nossa discussão. Salientamos que os núcleos formativos devem ser trabalhos numa relação de entrecruzamento, para que de fato o Surdo alcance sua autorformação leitora.

2 DESENVOLVIMENTO

Ao evocarmos a narrativa como objeto de estudo passa-nos à memória o que realmente é o narrar e sua relação com a autoformação leitora. O que podemos dizer para começarmos essa breve apresentação é que as narrativas permeiam a sociedade, e estão presentes na vida do indivíduo desde o início da humanidade, desde que o primeiro hominídeo registrou seu cotidiano, através de pinturas, em uma caverna. A partir desse momento histórico e ao acompanhar o desenvolvimento da linguagem humana (oral, sinalizada ou escrita), as narrativas foram (re)feitas a cada novo ato de contação (ou comunicativo), consubstanciadas em narrativas-histórias, isto é, produções que se universalizaram e tornaram-se conhecidas.

As narrativas construídas, contadas e recontadas acompanharam o transcurso da história humana e se tornaram verdadeiros objetos culturais representativos de certos povos, comunidades e indivíduos. Essa representatividade se faz presente nos entremeios da narrativa, nas partes em que o indivíduo-autor a constrói e, a partir do caráter imaginativo e (des)construtor da realidade, faz confluir um Narrador que observa as vicissitudes de um mundo em outro, isto é, se a realidade entremeia a narrativa, ela acaba por ser (re)construída para atender os anseios do narrador e a partir disso trazer as vivências daquilo ou daquele que é narrado. Por assim dizer, nas narrativas se entrecruzam as percepções, os anseios, os causos de vidas de um indivíduo que está em sociedade, demonstrando uma relação de pertencimento entre indivíduo-criador e objeto criado (narrativa).

Essa relação entre indivíduo-criador e narrativa não difere das produções criadas por Surdos, pois esses indivíduos estão em sociedade (excluídos) desde o período aristotélico, ou até mesmo antes. No entanto, podemos dizer que há uma “diferença” e essa está nos entremeios das narrativas surdas, mas apenas poderá ser revelada pela percepção que se tenha da Língua de Sinais, já que essa língua é estritamente visual ou imagética, logo as narrativas podem trazer esse caráter para se consolidarem enquanto representação daqueles indivíduos.

Isso incide diretamente sobre o autoformar-se, pois, ao narrar, o indivíduo se coloca na narrativa, representando-se, e isso lhe possibilita (re)construir-se. Então, à medida que a narrativa é (re)construída, o indivíduo-criador passa por um processo semelhante, o qual transubstancia de um estado inicial, a um estado temporariamente final de formação, ou seja, o narrar permite ao indivíduo alterar-se, ao passo que constrói ou reconstrói uma narrativa. Nessa perspectiva, a autoformação, no campo da Surdez, ocorreria em um mundo de silêncio puramente metafórico, pois mesmo com a ausência da audição os Surdos estariam imersos em um processo que os refaz.

Nessa perspectiva, esse processo de autoformação pode estar em harmonia com um processo de formação leitora, pois ao pensarmos em um processo em que o indivíduo se refaz a cada narrativa, não podemos nos distanciar das mudanças que a leitura literária pode proporcionar ao indivíduo. Daí, com o intuito de percebermos esse processo de auto(re)fazer-se, pensamos discutir a narrativa, o indivíduo-criador e o silêncio como lugares de autoformação de Surdos Leitores. Para tanto, nossas discussões foram construídas a partir de uma pesquisa bibliográfica, com base em teóricos como Galvani (2002) e Pontes (2012).

Ao nos nortearmos à investigação da autoformação dos Surdos é preciso compreender esse processo sob três aspectos: o indivíduo-criador, a narrativa e o silêncio, os quais incidirão sobre o se formar leitor literário, isto é, esses aspectos estão intrinsecamente ligados, logo é pertinente conhecê-los e para fins de ampliar nossa compreensão, nos propomos a apresentar e definir esses aspectos que constituem a autoformação do leitor literário Surdo.

No entanto, antes de nos debruçarmos sobre os aspectos mencionados inicialmente que constituem a autoformação, a saber, o indivíduo-criador, a narrativa e o silêncio, é pertinente traçarmos algumas definições sobre o que é o autoformar-se, ou seja, trataremos

os nossos diálogos com os teóricos que definiram o que é a autoformação e a partir disso faremos nossas inferências, o que nos possibilitará construir uma teia teórica entre o processo e seus aspectos constituintes.

Desse modo, inicialmente, a autoformação pode ser compreendida como um dos processos que colaboram para formação do indivíduo e como sua própria composição nos induz, é formativo. No entanto, não podemos encerrar o nosso entendimento unicamente na superfície composicional da palavra, pois por se tratar de um formação humana apresenta complexidade.

A complexidade do processo se dá, principalmente, pela percepção que se tem acerca dele, por isso é preciso compreendê-lo sob o olhar antropológico, pelo qual a formação do indivíduo não é/está engessada na unilateralidade, ou seja, o formar-se não se encerra na relação intrapessoal do ser, monologicamente, está para além disso, pois a autoformação é um processo tripolar estabelecido nas relações do sujeito com o meio, com os indivíduos e consigo mesmo (GALVANI, 2002).

Galvani (2002, p. 96) define esses polos como sendo centrais para que a formação do indivíduo se constitua, pois, como salientamos anteriormente, esse processo não é isolado, daí estão presentes a formação a partir da heteroformação, da ecoformação e da autoformação:

- Heteroformação (Os Outros) abrange “[...] a educação, as influências sociais herdadas da família, do meio social e da cultura, das ações de formação inicial e contínua, etc.”. É possível inferir que que as influências culturais, como os saberes escolarizados ou não, socialmente organizadas, incidem sobre a formação do indivíduo.

- A formação a partir das experiências sensíveis com o meio físico, a Ecoformação (Eco), é concebida como “[...] influências físicas, climáticas, e das interações físico-corporais que dão forma à pessoa. Ela inclui também uma dimensão simbólica.” A partir desse polo, é notório afirmar que o meio físico influencia o comportamento humano, o que pode ser determinante para construção do “imaginário pessoal” do indivíduo.

- Autoformação (Si) pode ser compreendida como a tomada de consciência do indivíduo sobre sua formação, isto é, “é um processo paradoxal que se alimenta de suas dependências. Ela é constituída pela tomada de consciência e retroação sobre as influências heteroformativas e ecoformativas.”

Esses processos isoladamente não constituem de forma plena a formação do indivíduo, tendo em vista que o autoformar não se encerra na interação com os pares sociais. Esses pressupostos propostos por Galvani (2002) se interceptam aos postulados vygotskynianos, pelos quais compreendemos que a formação do indivíduo ocorre pela interação e principalmente, pelos valores consolidados pela cultura.

Desse modo, podemos situar o processo autoformativo numa perspectiva galvaniana-vygotskyniana, pela qual o indivíduo está inteiramente conectado à sociedade por meio da cultura. Essa conexão possibilita que o mesmo esteja em constante alteridade, ou seja, as relações que permeiam a interação humana permitem ao homem a autotransformação. Posterior a isso, é possível trazer os pressupostos de Galvani (2002), pois essas relações não são estabelecidas unicamente entre indivíduo e seus pares, mas também pelo valor cultural das coisas e as experiências com o meio físico, as quais ocasionarão a reflexão sobre Si.

Além disso, de acordo com Galvani (2002, p. 97-98), a autoformação ocorre em decorrência da articulação entre o acoplamento interativo (indivíduo/meio/ambiente) e a autorreflexão.

Sem essa articulação, só existiriam acoplamentos reflexos e condicionantes sem nenhuma possibilidade de automatização do sujeito. A autoformação se declina em três processos de retroação: retroação de si sobre si (subjetivação), retroação sobre o meio ambiente social (socialização) e retroação sobre o meio ambiente (ecologização).

A partir dos postulados de Galvani (2002), é possível perceber que o processo autoformativo não se encerra na relação do homem com o meio (físico e social), pois a autoformação é decorrente do desdobramento sofrido pela consciência, isto é, as experiências apreendidas no meio físico e social fazem com que a consciência humana entre em estado de reflexão e permite que aquele passe de um estágio a outro de formação, ou alteridade.

Por ser um processo recorrente, acreditamos que se aliado ao poder transformador da literatura a autoformação poderá ocorrer proficuamente, já que a leitura literária pode contribuir para aquele desdobramento da consciência e fomentar a consolidação do processo. Em decorrência disso, acreditamos que a autoformação leitora (de leitores literários Surdos) está relacionada a três núcleos formativos: o indivíduo-criador, a narrativa e o silêncio, os quais definiremos agora.

Se o cerne do processo autoformativo, de acordo com Galvani (2002), é o próprio indivíduo, pois a partir da tomada da formação para si e dos desdobramentos da consciência ocasionadas pelas relações sujeito/meio físico-social, é preciso tomá-lo como indivíduo-criador. Na perspectiva da autoformação leitora (de literatura) de Surdos o consideramos como ponto inicial para que a autoformação leitora ocorra, mais precisamente para que sua formação enquanto leitor de literatura aconteça é preciso que atrelado a ele esteja a criação de narrativas, pois é possível que na ação de produzir narrativas haja o desdobramento da consciência e o indivíduo autoforme-se.

Assim, há uma relação de pertencimento entre indivíduo-criador e narrativa (enquanto resultado de uma ação), pois imbricado ao processo de criar está o autoformar-se. Por isso, para compreender o sujeito do processo autoformativo primeiramente é preciso compreendê-lo enquanto criador de narrativas, mais precisamente como autor, pois vinculado às narrativas está a existência de um indivíduo-criador, ou autor (ALBERTI, 1996).

Ainda de acordo com a autora, a existência desse indivíduo, que age sobre sua produção, o coloca em uma posição não monolítica e tampouco ausente da sua criação; isso porque de acordo com Bakhtin (2003, p. 13) “[...] o autor-criador deve tornar-se ‘outro’ em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro”, isto é, a posição na qual se coloca o autor faz emergir em sua produção outros sujeitos sociais; e, por isso, numa ótica bakhtiniana, o indivíduo-criador é atravessado por reverberações discursivas, as quais são refletidas em suas narrativas.

Isso denota que não há processo produtivo ausente de neutralidade, tendo em vista que toda produção discursiva é atravessada por outros discursos e isso não seria diferente nas narrativas. Esse atravessamento no processo criativo ocorre em decorrência dos valores tecidos juntos à narração pelo indivíduo-criador, e de acordo com o filósofo russo:

O autor vivencia a vida da personagem em categorias axiológicas inteiramente diversas daquelas em que vivencia sua própria vida e a vida de outras pessoas – que com ele participam do acontecimento ético aberto e singular de sua existência –, apreende-a em um contexto axiológico inteiramente distinto (BAKHTIN, 2003, p. 13).

Esse processo criativo vivenciado pelo indivíduo-criador pode ser compreendido como experiência social, a qual poderá levar o indivíduo ao desdobramento da consciência e conseqüentemente, a autoformação, pois implícito ao processo de criação estão outros

sujeitos, outras vozes, isto é, o contato com essas vozes durante a produção de narrativas pode trazer à tona histórias de outros contextos, as quais poderão contribuir para autorreflexão e assim, o indivíduo alcançar o autoformar-se.

Então, ao passarmos para o segundo núcleo responsável pela autoformação do leitor literário, adentramos no território da narrativa. A escolhemos porque essa ação se faz constante no cotidiano de todos os indivíduos, quase como força vital, isto é, para aparecer em sociedade o indivíduo naturalmente narra (e se incluem aqui várias categorias das narrativas, desde aquelas usadas como entretenimento (popular), até as de maior prestígio social, como as literárias).

Expondo a importância que a narrativa assume para determinados grupos sociais (Surdos e ouvintes), pelo valor impresso em suas produções, Souza, Lima Neto e Sampaio (2016, p. 197) afirmam que:

[...] narrar é a ação de aparecer, [e] compreendemos que isso é um ato puramente social e, a partir desse, o homem 'nasce' socialmente. Com essa premissa, podemos inferir que a narrativa assume um papel socialmente significativo, pois os indivíduos podem se assumir enquanto sujeitos sociais e passam a existir pelo que contam, pelo que intercambiam nas suas narrativas.

Nesse sentido, narrar pode ser compreendido como a ação que constitui o homem, ou mais precisamente o lugar fecundo para ocorrer o processo autoformativo do leitor literário, pois nela podem congrega valores construídos socialmente, os quais levarão à reflexão proposta por Galvani (2002). Nesse sentido, e sob o olhar bakhtiniano, ao narrar aquele é atravessado por certa carga valorativa, a qual incide sobre sua consciência, alterando-a. Vale salientar que essa alteração não é imediata e tampouco momentânea, no entanto ela estará presente durante todo o processo autoformativo.

Desse modo, a narrativa enquanto núcleo formativo nos trará sustentação para pesquisa e também para própria formação, pois de acordo com Pontes (2012, p. 42-43) a narrativa é essencialmente contributiva à formação do homem.

[...] a narrativa não tem somente a função social, ela desempenha também uma função essencial na construção do indivíduo em torno da compreensão de si mesmo. [...] E ao narrar sua história ou até mesmo ler outra história narrada que não seja a sua, o homem se vê na narração, o que possibilita uma reflexão sobre a sua vida, sobre seu ser, podendo ser capaz de contextualizá-la nos dias atuais.

O terceiro e último núcleo formativo que definiremos agora, metaforicamente nomeado de silêncio, congregará a função desempenhada pela Língua de Sinais. Essa

difere das línguas orais por ser falada por um canal visoespacial (olhos, corpo e mãos) e, por isso, acreditamos que essa habilidade possibilita ao Surdo a percepção da realidade de modo diferente dos Ouvintes, o que pode contribuir ou influir na autoformação e também na criação de narrativas. Como salienta Galvani (2002), as relações com o meio físico podem contribuir para o desenvolvimento do imaginário do homem, logo, no caso de pessoas Surdas, a ecoformação poderá ocasionar um desenvolvimento de narrativas que diferem das narrativas Ouvintes, pois aqueles indivíduos mantêm uma relação sensorialmente visual com a realidade.

Essa relação é mantida, compartilhada e sentida em decorrência da Surdez, que na perspectiva dos Estudos Culturais não é entendida como deficiência, mas como diferença (SALLES, 2004), a qual encarregou de fazer com os surdos desenvolvessem uma língua captada unicamente pela visão. Acreditamos que essa experiência sensível desenvolvida pela visão fez dos Surdos pessoas que reconstruíram a sua realidade de modo a possibilitar sua adequação aos diversos contextos sociais e de igual modo, autoformar-se diferentemente.

Aqui a Língua de Sinais assume grande importância, pois ela é parte constituinte do Surdo, ela é o que o caracteriza enquanto falante. Sem a língua de sinais os surdos são apenas “mudos”, no sentido restrito da palavra, já que não falam nenhuma língua. Desse modo, definimos a LIBRAS como uma das muitas características que sinalizam a existência de um povo que traz em si uma língua natural a qual pode ser definida, a partir dos postulados de Strobel (2013, p. 30), como “algo que penetra na pele do povo surdo”, ou seja, a língua de sinais é um artefato social que é indissociável dos indivíduos Surdos, pois como a comunicação é uma necessidade humana, essa é desenvolvida pelos surdos através de sinais, naturalmente.

Ao ampliar essa definição de língua de sinais, é pertinente trazer nossas inferências a partir das contribuições bakhtiniana, pelas quais compreendemos que a língua se apresenta “[...] como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística” (BAKHTIN, 2009, p. 98), isto é, essa multiplicidade de enunciações acaba por penetrar na visão do Surdo e por consequência desencadear o processo autoformativo, por aquilo que já foi apresentado anteriormente, acerca do desdobramento da consciência. Assim sendo, a função desse núcleo formativo é permitir que o Surdo tenha acesso as infinitas possibilidades de enunciados circundantes em sociedade e que se fazem paralelas às narrativas.

É possível perceber que os três núcleos formativos – indivíduo-criador, narrativa e língua – apresentados aqui estão interligados e consubstanciam o processo autoformativo do leitor literário, logo não há a possibilidade do indivíduo desenvolver a autoformação sem que se pense na existência desses núcleos e como eles se entrecruzam no processo.

3 CONCLUSÃO

O processo formativo de leitores de literatura sempre esteve em discussão, pois esse na grande maioria centra a leitura na historiografia ou autobiografismo. Torna-se mais caótico quando pensamos na formação de leitora de Surdos, isto é, o processo acaba se tornando problemático por esses indivíduos fazerem uso de uma língua de modalidade visuoespacial e desconhecida do(s) regente(s) do processo.

Com o intuito de contribuir para discussão dessa temática esse trabalho teve como objetivo discutir o processo formativo, de Surdos, ao que se refere a leitura literária e, para tanto, apresentamos os núcleos formativos – indivíduo-criador, narrativa e língua – como unidades que, quando entrecruzadas, possibilitam a autoformação do indivíduo leitor.

Então, é preciso que sejam revistas as metodologias e a própria compreensão do sujeito no processo de formação leitora, pois se se mantivermos as mesmas práticas consequentemente ainda teremos números não satisfatórios que comprovam a não formação. Nesse sentido, ao colocarmos em evidência a autoformação, como mote para que seja repensado o processo formativo, é que nela encontramos uma possibilidade para que sejam formados proficientemente surdos. No entanto, salientamos que isso apenas poderá acontecer se a autoformação for guiada pela Língua de Sinais, tendo em vista que sem ela não há como acessar os conhecimentos necessários tomar para si a formação.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Literatura e autobiografia**: a questão do sujeito na narrativa. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.

BAKHTIN, M. **O autor e a personagem na atividade estética**. In: _____. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Língua, fala e enunciação**. In: _____. Marxismo e filosofia da linguagem. 13. ed. Hucitec, 2009.

GALVANI, P. **A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural.** *In:* SOMMERMAN, A; MELLO, M.F.; BARROS, V.M. Educação e transdisciplinaridade II. São Paulo: TRIOM, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PONTES, V. M. de A. **O fantástico e maravilhoso mundo literário infantil.** Curitiba, PR: CRV, 2012.

SALLES, H. M. M. L. **Ensino da Língua Portuguesa para surdos:** caminhos para prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SOUZA, J. M. R. de; LIMA NETO, I. S; SAMPAIO, M. L. P. **Entre rotas e trajetos:** os rumos da literatura e das narrativas surdas. *Textura*, Canoas, v. 18, n. 37, p. 190-204, maio/ago. 2016.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 3. Ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.